

**COMPETÊNCIA INTERCULTURAL: EXPERIÊNCIAS E
PERCEPÇÕES DE UM CADETE BOLIVIANO NA ACADEMIA
DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA¹**

***INTERCULTURAL COMPETENCE: EXPERIENCES AND
PERCEPTIONS OF A BOLIVIAN CADET AT THE BRAZILIAN AIR
FORCE ACADEMY***

Jorge Enrique Teran Mercado²
Maria Cláudia de Jesus Machado*
Ana Carolina Aparecida Marques Soarez**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender os motivos da relevância do desenvolvimento da competência intercultural na formação dos militares das Forças Armadas, tendo em vista o contexto multipolar na esfera mundial, no qual a comunicação eficaz tornou-se uma ferramenta indispensável nas relações diplomáticas entre os países, incluindo o âmbito militar, mais especificamente, das Forças Armadas. Diversos conceitos são focalizados, como cultura, identidade, estereótipo, preconceito e choque cultural, bem como o conceito de competência intercultural que consiste no fio condutor deste estudo. Foi demonstrado que não é suficiente possuir apenas a competência linguística em uma língua estrangeira para uma comunicação eficaz. Faz-se necessário, também, o conhecimento da cultura do outro e o desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas e comportamentais que contribuam para uma interação apropriada. Para alcançar o objetivo deste trabalho, recorre-se a uma abordagem qualitativa com base autoetnográfica. Realizou-se uma coleta de dados bibliográficos fundamentada em artigos e livros relacionados ao tema, além de um aporte de dados resultantes das experiências vividas pelo autor, participante da pesquisa, um cadete boliviano que realiza o curso de formação de oficiais aviadores na Academia da Força Aérea, com o objetivo de fornecer informações a respeito de sua experiência durante a adaptação a uma nova cultura como militar estrangeiro. O intuito foi obter informações relevantes sobre o conhecimento da competência intercultural e os choques culturais que foram percebidos pelo autor quando entrou em contato com uma cultura diferente da sua, para posterior análise. Dessa maneira, foi possível verificar a existência ou não de habilidades interculturais na comunicação e compreender a sua importância na carreira do militar das Forças Armadas, seja como cadete ou oficial.

Palavras-chave: Cultura; Identidade; Competência intercultural; Competência comunicativa; Choque cultural.

¹ Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAv) da Academia da Força Aérea (AFA).

² Cadete Aviador do 4º Esquadrão (Turma Orthrus, 2023).

*. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Docente de Língua Espanhola. Academia da Força Aérea. E-mail: mariaclaudiamcjm@fab.mil.br.

** 1º Ten QOCOn Magistério Língua Espanhola Superior. Seção de Programas Internacionais (SPI). Academia da Força Aérea. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). E-mail: anacarolinaacams@fab.mil.br.

ABSTRACT

This work aims to understand the reasons for the relevance of developing intercultural competence in the training of Armed Forces personnel, in view of the multipolar context in the world sphere, in which effective communication has become an indispensable tool in diplomatic relations between countries, including the military scope, more specifically, the Armed Forces. Several concepts will be focused, such as culture, identity, stereotype, prejudice and culture shock, as well as the concept of intercultural competence, which will be the guiding principle of this study. It will be demonstrated that it is not enough to have only linguistic competence in a foreign language for effective communication. It is also necessary to know the culture of the other and to develop cognitive, affective and behavioral skills that contribute to an appropriate interaction. To achieve the objective of this work, a qualitative approach based on autoethnography is used. The objective is to carry out a collection of bibliographic data based on articles and books related to the subject, as well as a contribution of data resulting from the experiences lived by the author, participant of the research, a Bolivian cadet who takes the training course for aviator officers at the Academy of Air Force, with the aim of providing information regarding his experience while adapting to a new culture as a foreign military. The aim is to obtain relevant information about the knowledge of intercultural competence and the cultural shocks that were perceived by the author when he came into contact with a culture different from his, for further analysis. It is expected that, in this way, it will be possible to verify the existence or not of intercultural communication skills and understand their importance in the career of the Armed Forces soldier, whether as a cadet or officer.

Keywords: Culture; Identity; Intercultural competence; Communicative competence; Cultural shock.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo no qual a necessidade de nos relacionar com pessoas de outras culturas é hoje mais evidente que nunca. Nossa sociedade é cada vez mais multicultural por várias razões. As aproximações por questões profissionais, políticas, educacionais, sociais e militares aumentam dia a dia em uma sociedade aberta ao intercâmbio internacional, potencializadas, inclusive, pelo avanço da tecnologia.

Se pensarmos na relação entre pessoas de culturas diferentes, temos que pensar em comunicação, o que nos remete a outra ideia: um código comum, em nosso caso, uma língua comum, nosso mais importante instrumento de comunicação. Não obstante, apenas o conhecimento do código linguístico do interlocutor não garante a eficácia da comunicação; é preciso compreender que, para que realmente a comunicação seja eficaz, é condição essencial considerar os aspectos culturais, pois transitar por outras culturas implica ter contato com a diversidade. Os aspectos culturais diferentes podem provocar estranhamento, o que pode estar relacionado tanto com

impressões positivas quanto negativas, ambas denominadas choque cultural. Portanto, faz-se necessário o desenvolvimento da competência intercultural.

Baseado na observação dos programas de intercâmbio da Força Aérea Brasileira com as forças aéreas das nações amigas, este artigo visa elucidar a seguinte indagação: “Por que se torna relevante o desenvolvimento da competência intercultural na formação dos militares das Forças Armadas tendo em vista o contexto multipolar na esfera mundial?”.

Como objetivo geral, buscou-se investigar como o desenvolvimento da competência intercultural poderia colaborar para a eficácia da comunicação e minimizar choques e mal-entendidos interculturais.

Como objetivos específicos nos propusemos identificar choques e mal-entendidos interculturais, com base nas experiências do próprio autor que participa do programa de intercâmbio entre as forças aéreas das nações amigas, no caso, Brasil e Bolívia, realizando o Curso de Formação de Oficiais Aviadores na Academia da Força Aérea, na cidade de Pirassununga no estado de São Paulo. O curso possui uma duração de quatro anos, tempo no qual foram vivenciados choques culturais que são apresentados no desenvolvimento deste trabalho.

A carreira militar nas Forças Armadas exige a capacidade de se comunicar em idiomas diferentes devido a diversos fatores: o Brasil, como nação de dimensões continentais que divide fronteira com diversos países da América do Sul, dos quais divergem em questão de idiomas nativos, deve ser capaz de manter-se atualizado acerca das questões políticas, econômicas, militares e socioculturais em escala global. Além disso, faz-se necessário o desenvolvimento da competência intercultural na formação dos futuros militares dos diversos quadros dentro das Forças Armadas para que, no exercício das diferentes atribuições, sejam capazes de administrar as relações internacionais da Força de maneira a incrementar a diplomacia com outros países.

Aos dados coletados por meio de um levantamento bibliográfico, somaram-se os dados resultantes de uma pesquisa autoetnográfica, por meio da qual o autor participante relata suas experiências e percepções no contexto pesquisado, mostrando como alguns fatores podem incidir sobre a adaptação a uma nova cultura.

1. MÉTODO DE ANÁLISE DO OBJETO DE ESTUDO

Com a finalidade de responder à pergunta de pesquisa proposta “Por que se torna importante o desenvolvimento da competência intercultural na formação dos militares das Forças Armadas,

tendo em vista o contexto multipolar na esfera mundial?”, o presente estudo recorre à abordagem qualitativa de base autoetnográfica. No que concerne à autoetnografia, Cano e Opazo (2004, p. 149) afirmam que:

A autoetnografia comumente diz respeito a um modo de pesquisa em que se busca valorizar a experiência do pesquisador através da descrição e análise sistemática para a maior compreensão dos aspectos do contexto ao qual pertence ou em que participa (CANO; OPAZO, 2014, p. 149).

No estudo de Versiani (2005), é discutido o termo “autoetnografia”, que foi introduzido para descrever uma abordagem distinta da etnografia convencional. O autor sugere que o prefixo “auto” é usado para indicar que o pesquisador desse método é simultaneamente o sujeito e o objeto da investigação, estabelecendo uma relação mais íntima e reflexiva com seu próprio contexto cultural. Esse enfoque permite uma compreensão mais profunda das experiências e perspectivas individuais, enriquecendo assim a compreensão do fenômeno estudado. O autor ainda afirma que o prefixo “auto” serviria para:

Impedir a tendência à supressão das diferenças intragrupos, enfatizando as singularidades de cada sujeito — autor, enquanto o termo etno localizaria, parcial e pontualmente, estes mesmos sujeitos em um determinado grupo cultural. Assim poderíamos pensar em autoetnografias como espaços comunicativos e discursivos através dos quais ocorre o “encontro de subjetividades”, a interação de subjetividades em diálogo (VERSIANI, 2005, p. 87).

A autoetnografia se faz presente neste trabalho a partir da perspectiva do autor durante o período de formação na Academia da Força Aérea Brasileira, tornando suas vivências fontes de informações empíricas para a coleta de dados, os quais auxiliam na condução da análise do objeto de estudo. O pesquisador descreve e analisa suas experiências pessoais, buscando compreender questões mais amplas e fornecer introspecções para o desenvolvimento deste trabalho.

O estudo tem como base o relato de crenças, experiências e vivências do próprio autor da pesquisa, um cadete boliviano do quadro da aviação, matriculado no Curso de Formação de Oficiais na Academia da Força Aérea Brasileira. Visa analisar e discutir como a aquisição da competência intercultural pode influenciar na adaptação a uma nova cultura, a qual possui características idiossincráticas diferentes.

Como apoio, recorreremos à pesquisa bibliográfica, aos estudos sobre comunicação intercultural, mais especificamente, aos conceitos de “identidade cultural”, “competência

intercultural”, “choque cultural”, “preconceito cultural e linguístico” e “estereótipo”. As informações obtidas tanto com base na pesquisa bibliográfica quanto nos resultados da análise dos dados fornecidos pelo próprio autor nos possibilitou propor maneiras de desenvolver a competência intercultural entre falantes de idiomas e pertencentes a culturas diferentes.

No que se refere à análise dos dados, o método usado é o de análise de conteúdo. Conforme observa Gomes (2007, p. 79), “através da análise de conteúdo podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado”. O autor acrescenta que, na busca pela compreensão dos significados, ultrapassa-se o alcance meramente descritivo da mensagem para atingir, mediante inferência, uma interpretação mais profunda.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Dado que neste artigo é observada a necessidade de os militares das Forças Armadas adquirirem competência intercultural para que possam se comunicar com eficácia quando em contato com seus pares pertencentes a outras nações e, conseqüentemente, com características culturais diferentes, é importante considerar não apenas a competência linguística, ou seja, o conhecimento da estrutura da língua, do seu léxico e da sua fonética, mas também a competência comunicativa, que tem relação com o uso da língua em diferentes contextos de comunicação. O uso, por sua vez, envolve um conjunto de experiências linguísticas e conhecimentos culturais, de questões identitárias, desconstrução de preconceitos e estereótipos, de maneiras de evitar choques culturais. Tais conceitos são abordados a seguir.

Como seres humanos, reagimos conforme aquilo que aprendemos durante a nossa etapa de crescimento, na qual adotamos características que são particulares do nosso entorno social, afetando assim nossa maneira de pensar, sentir e atuar em diferentes situações. Tais atitudes estão ligadas ao conceito de cultura que, segundo Thompson (1995, p. 173), consiste em “O conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade”.

A cultura também pode ser entendida como os comportamentos resultantes do tipo de convivência numa determinada região ou país que possui uma identidade própria, com características, valores e regras particulares. Tal noção é definida por Peterson (2004) como:

O conjunto relativamente estável de valores e crenças internas, geralmente realizadas por grupos de pessoas em países ou regiões, e o impacto perceptível que esses valores e crenças têm sobre os povos em relação aos seus comportamentos visíveis e seu ambiente (PETERSON, 2004, p. 104).

Com base em ambos os conceitos, é possível entender que o termo “cultura” está ligado diretamente a valores, crenças, costumes, comportamentos, normas, arte, conhecimento e práticas compartilhadas por um grupo de pessoas. Ela abrange todas as formas de expressão humana, incluindo a linguagem, a música, a dança, a culinária, as tradições religiosas, as instituições sociais e muito mais.

A cultura pode ser transmitida através das gerações e cria a identidade coletiva de um grupo, fornecendo um quadro de referência comum para os membros desse grupo. Ela é construída e influenciada por diversos fatores, como história, geografia, religião, política, economia e interações sociais. Além disso, desempenha um papel fundamental na formação da identidade individual e coletiva das pessoas, influenciando sua visão de mundo, comportamentos, valores e percepções. Ela fornece um conjunto de regras e padrões que orientam as interações sociais e o funcionamento da sociedade.

Devido à natureza social do ser humano, este se relaciona com pessoas que possuem características culturais semelhantes àquelas que possui; dessa maneira, cria-se o sentimento de pertencimento a um grupo social que compartilha as mesmas crenças, costumes, ideias e valores. Partindo desse pressuposto, torna-se necessário fazer menção à identidade cultural, que pode ser definida, segundo Hall (2006), como:

Aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. O autor entende que as condições atuais da sociedade estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2006, p. 9).

Dessa forma, podemos definir a identidade cultural como a compreensão e o sentimento de pertencer a um grupo cultural específico. Ela é formada pela combinação de características, como língua, religião, tradições, valores, costumes e história compartilhados por um determinado grupo de pessoas. A identidade cultural influencia como nos percebemos e nos relacionamos com os outros, moldando nossas crenças, valores, comportamentos e perspectivas. Ela é adquirida por meio da socialização e interação com a família, a comunidade e o ambiente em que vivemos, e pode evoluir ao longo do tempo, em resposta a influências externas e experiências individuais. A

identidade cultural desempenha um papel crucial na construção da nossa identidade pessoal e coletiva, e na preservação e celebração da diversidade cultural.

Os conceitos de cultura e identidade cultural desempenham um papel fundamental na compreensão da forma como os seres humanos pensam e agem. Eles nos mostram que nossas experiências adquiridas no ambiente social influenciam nossas reações e comportamentos. Ao fazer parte de um determinado grupo social, desenvolvemos um senso de pertencimento, que por sua vez contribui para a formação de uma identidade cultural particular. Assim, cultura e identidade cultural estão intrinsecamente ligadas, auxiliando a nortear nossa visão do mundo e a maneira como nos relacionamos com os outros.

Da mesma forma que há a presença dos códigos culturais, há também a presença dos códigos linguísticos, que possibilitam a comunicação dentro do grupo, pois língua e cultura estão inter-relacionadas.

Por outro lado, ao se relacionar com pessoas que possuem códigos culturais e linguísticos diferentes, criam-se reações de estranhamento e também de desconforto ocasionadas por desconhecimento dos mesmos.

Além dos choques culturais, podemos citar os estereótipos, assim como o preconceito não apenas cultural, mas também linguístico, originados a partir de ideias equivocadas ocasionadas, por exemplo, pela falta de proximidade e pelo desconhecimento de uma cultura.

A noção de preconceito é estabelecida segundo Camino; Pereira (2002), Lacerda; Cols (2002) como:

Uma forma de relação intergrupar organizada em torno das relações de poder entre grupos, produzindo representações ideológicas que justificam a expressão de atitudes negativas e depreciativas, bem como a expressão de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de grupos minoritários (CAMINO; PEREIRA, 2002; LACERDA; COLS, 2002, p. 165).

Bagno (1999, p. 134), na sua obra “Preconceito Linguístico”: o que é, como se faz, esclarece que “o preconceito linguístico deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como ‘erro’ e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo”.

O preconceito linguístico pode surgir de diversas maneiras. Um exemplo comum é a associação de um determinado dialeto a estereótipos negativos, como falta de educação, baixo nível de inteligência ou falta de competência profissional. Esse tipo de preconceito muitas vezes é

ocasionado por ideias de superioridade cultural e social, que perpetuam a exclusão e a marginalização de grupos linguísticos específicos, que como menciona Bagno (1999) é imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como erro tudo aquilo que se diferencia desse modelo.

No âmbito das línguas estrangeiras, há a crença na existência de uma hierarquia linguística, ou seja, na existência de línguas mais importantes e menos importantes, melhores e piores, reflexo do *status* que cada país possui na esfera global.

Ainda nesta análise, Graeme R. Newman, um estudioso americano de justiça criminal e distinto professor de ensino na Universidade de Albany, junto de Erving Goffman, um cientista social, antropólogo, sociólogo e escritor canadense, definem o conceito de *estereótipo*, recuperado por Biroli (2011) da seguinte maneira:

Os estereótipos são dispositivos cognitivos que facilitam o acesso a novas situações e informações. São simplificações que permitem a previsibilidade (NEWMAN, 1975, p. 207). Equivalem a padrões que correspondem às expectativas normativas sobre os comportamentos dos atores numa dada sociedade e, nesse sentido, remetem diretamente aos papéis socialmente definidos (GOFFMAN, 2008 [1963]) (BIROLI, 2011, p. 76).

Para Légal (2005, p. 1), em seu artigo “*Effets non conscients des stéréotypes sur les comportements et les performances 41*”, “Estereótipos são crenças, representações mentais que constituem conhecimento (às vezes errôneo) sobre as características de grupos sociais ao nosso redor³”.

Entende-se que os conceitos mencionados nos parágrafos anteriores estão diretamente relacionados à segregação cultural, linguística, racial e, por isso, consideramos relevante adquirir conhecimento acerca de outras culturas, de sua história, além da capacidade de compreender uma nova língua.

No âmbito militar, o conhecimento sobre estereótipos e preconceitos permite que os militares entendam as diferenças culturais existentes entre eles e as populações locais com as quais podem interagir durante missões internacionais. Isso inclui crenças, valores, práticas sociais, costumes e tradições. Ao compreender essas diferenças, os militares podem evitar interpretações equivocadas e mal-entendidos que podem levar a conflitos ou problemas de comunicação.

³Tradução livre: “Les stéréotypes sont des croyances, des représentations mentales qui constituent des connaissances (parfois erronées) sur les caractéristiques des groupes sociaux qui nous entourent”.

O conhecimento das teorias mencionadas anteriormente é essencial no ambiente militar para gerenciar conflitos interculturais. As diferenças culturais podem gerar tensões e mal-entendidos entre militares de diferentes origens culturais. Entender as origens e os efeitos dos estereótipos e preconceitos pode ajudar a mitigar conflitos, promover a empatia e facilitar a resolução de problemas de maneira eficaz e colaborativa.

2.1 CHOQUES CULTURAIS

As pessoas agem com base no que aprenderam em seu meio social, ou seja, pensam, vivem e se comunicam orientadas pelas características culturais do seu grupo social durante sua fase de desenvolvimento. Dessa forma, ao mudar de ambiente, elas se deparam com interações interculturais que podem provocar certas reações na forma de pensar e sentir como indivíduo dentro de uma nova sociedade. Tais reações podem ser descritas através do conceito de choque cultural conforme, coloca Oberg (1961):

O choque cultural é ocasionado pela ansiedade que resulta da perda de todos os nossos sinais e símbolos familiares de interação social. Esses sinais ou pistas incluem as mil e uma maneiras pelas quais nos orientamos para as situações da vida cotidiana: quando apertar a mão e o que dizer quando encontramos pessoas, quando e como dar dicas, como dar ordens aos criados, como fazer compras, quando aceitar e quando recusar convites, quando levar declarações a sério e quando não. Agora, essas pistas, que podem ser palavras, gestos, expressões faciais, costumes ou normas, são adquiridas por todos nós durante o crescimento e fazem parte de nossa cultura tanto quanto a língua que falamos ou as crenças que aceitamos (OBERG, 1961, p. 177-182).⁴

O choque cultural segundo Oberg (1961, p. 177-182) é caracterizado pelos seguintes sintomas:

⁴ Tradução livre: “Culture shock is precipitated by the anxiety that results from losing all our familiar signs and symbols of social inter- course. These signs or cues include the thousand and one ways in which we orient ourselves to the situations of daily life: when to shake hands and what to say when we meet people, when and how to give tips, how to give orders to servants, how to make purchases, when to accept and when to refuse invitations, when to take statements seriously and when not. Now these cues which may be words, gestures, facial expressions, customs, or norms are acquired by all of us in the course of growing up and are as much a part of our culture as the language we speak or the beliefs we accept” (OBERG, 1961, p. 177-182).

Quadro 1 Sintomas dos choques culturais

SINTOMAS DOS CHOQUES CULTURAIS	
1. Tensão	As pessoas envolvidas na situação do encontro pessoas interculturais têm que se esforçar para serem compreendidas, cria-se um clima de tensão e ansiedade.
2. Clima de rejeição	Em situações de encontros interculturais, as pessoas sentem alguma dúvida, ansiedade e, às vezes, medo de serem rejeitadas.
3. Desorientação	Devido ao fato de que em situações de encontro intercultural as expectativas de papel, valores e tudo o que as pessoas estão acostumadas não são satisfeitas, elas se sentem confusas e desorientadas.
4. Sensação de perda	As pessoas nessas situações experimentam sentimentos de perda de parentes, amigos, status e profissão.
5. Sentimentos de surpresa	Percebendo as diferenças entre suas expectativas e o que observam e vivenciam no dia a dia, as pessoas sentem fortes emoções, muitas vezes negativas (ansiedade, repulsa, indignação).
6. Sentimento de impotência	Porque sua capacidade é prejudicada para agir eficazmente no novo ambiente.

Fonte: elaboração própria com base em dados coletados na pesquisa.

Segundo Oberg (1961), existem etapas que são atravessadas durante a vivência dos choques culturais que são: lua de mel, crise, recuperação e adaptação. A etapa da lua de mel acontece no começo dos encontros interculturais, na qual o indivíduo mantém as relações interpessoais de maneira cordial com as pessoas da nova sociedade, apresentando emoções que na maioria das vezes são positivas, tais como entusiasmo e fascinação ao conhecer coisas novas.

Durante a crise, as dificuldades emergem num ambiente novo e estão geralmente relacionadas com idioma, ideologia, valores, crenças e tipo de convivência, aspectos que no início podem parecer interessantes, mas que se transformam em um problema que pode afetar a autoestima do indivíduo, devido ao fato da pessoa não se comportar de acordo com o esperado por seu entorno social.

Já na recuperação, o indivíduo consegue lidar com as novas experiências e é capaz de enfrentar as emoções e os sentimentos experimentados durante a etapa anteriormente mencionada. Neste momento, a pessoa torna-se capaz de estabelecer relações interpessoais com facilidade e mostra-se confortável e confiante no ambiente em que está inserida. Oberg (1961) afirma que se o

participante consegue experimentar a última etapa, que é a adaptação, será capaz de se desenvolver positivamente no seu novo ambiente social e irá desfrutar das novas experiências que se apresentam durante sua estadia, conseguindo se expressar de maneira espontânea, confiando nas pessoas e expressando-se sem dificuldades.

2.2 O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA INTERCULTURAL COMO ELEMENTO COLABORADOR PARA A EFICÁCIA DA COMUNICAÇÃO E MINIMIZADOR DE CHOQUES CULTURAIS

Como forma de introduzir o tema “competência intercultural”, faz-se necessário, previamente, esclarecer os conceitos de “competência linguística” e “competência comunicativa”, noções descritas respectivamente por Young (1996) da seguinte maneira:

A competência linguística se refere àquela capacidade de criar mensagens que estejam gramaticalmente corretas, enquanto a competência comunicativa focaliza a percepção da realidade do interlocutor, assim como as relações interpessoais entre o emissor e o receptor (YOUNG, 1996 *apud* BAÑOS, 2007, p.139).⁵

Portanto, o desenvolvimento de uma competência linguístico-comunicativa adequada permite aos interlocutores romper barreiras e evitar mal-entendidos linguísticos e culturais. Conseguindo utilizar uma língua de maneira eficaz e adequada em diferentes contextos de comunicação.

No campo militar, é visível a importância de manter relações diplomáticas salutares, que pressupõem o desenvolvimento desta competência. Isto se justifica, por exemplo, devido ao fato dos militares serem enviados com frequência para missões em diversos países, onde é preciso interagir com a população, organizações locais e forças de segurança com origens culturais diferentes.

Nesse sentido, a competência intercultural permite que os militares compreendam as particularidades culturais, evitem comportamentos inapropriados ou ofensivos e estabeleçam relações de confiança com as comunidades locais. Essa compreensão cultural é fundamental para o sucesso das missões, pois ajuda a criar parcerias efetivas, facilitando o alcance dos objetivos

⁵ Tradução livre: “La competencia lingüística se basa en saber producir mensajes gramaticalmente correctos, y la competencia comunicativa, implica considerar la percepción de la realidad que tiene la persona interlocutora, así como las relaciones sociales entre las personas hablantes, o la expresión y percepción de la propia autenticidad o sinceridad” (YOUNG, 1996, 121-127).

propostos. Estas relações estão diretamente ligadas à capacidade de comunicar-se em outro idioma e ao conhecimento de outra cultura, habilidades que estão interligadas entre si.

Dessa maneira, é relevante desenvolver, além da competência linguístico-comunicativa, a competência intercultural, conceito que pode ser compreendido, de acordo com Meyer (1991) como:

[...] parte de uma ampla competência de quem fala uma língua estrangeira, identifica a capacidade de uma pessoa agir de forma adequada e flexível diante de ações, atitudes e expectativas de pessoas de outras culturas. Adequação e flexibilidade implicam ter uma compreensão das diferenças culturais entre a cultura estrangeira e a própria; também, têm a capacidade de resolver problemas interculturais como resultado dessas diferenças. (MEYER, 1991 *apud* OLIVERAS, 2000, p. 134).

Portanto, a competência intercultural pode ser entendida como aquela habilidade de interagir e se adaptar efetivamente em contextos culturais diversos. Ela envolve a compreensão e apreciação das diferenças culturais, bem como a capacidade de se comunicar de maneira adequada, resolver conflitos, negociar e colaborar eficazmente em situações interculturais.

Com base nos conceitos apresentados anteriormente, podemos perceber que a competência intercultural é mais do que possuir o domínio da língua do outro. Tal competência torna possível a inserção numa cultura diferente, entendendo a maneira de pensar, sentir e conviver em um novo grupo social, adquirindo empatia pelos indivíduos daquele ambiente. Tal fato pode fazer emergir o sentimento de respeito e, posteriormente, de pertencimento a uma nova cultura, minimizando, assim, os preconceitos, estereótipos e choques culturais, gerados pelo desconhecimento da cultura do outro, que por vezes acabam se convertendo em obstáculos na tentativa de se obter uma comunicação eficaz.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para realizar a análise de dados através da pesquisa autoetnográfica, este tópico foi dividido em dois subtópicos para uma melhor elucidação, visando identificar estereótipos e preconceitos que o autor possuía antes da sua chegada ao Brasil, assim como apresentar sintomas e choques culturais experimentados pelo próprio autor, ao longo da estadia no país, colocando ênfase na etapa de adaptação à língua portuguesa e cultura brasileira.

3.1 ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS.

Segundo relatos do autor desta pesquisa, é possível confirmar algumas teorias, uma vez que sendo estrangeiro possuía estereótipos e preconceitos no que se refere à sociedade, à maneira de conviver e costumes culturais, antes da chegada ao Brasil.

Os quadros abaixo retratam, na sequência, alguns estereótipos e preconceitos enfatizados pelo autor da pesquisa:

Quadro 2 Estereótipos

Estereótipos	
Acreditar que toda a população brasileira possui um mesmo sotaque.	
Todo brasileiro sabe jogar futebol.	
Todo brasileiro sabe dançar samba.	
Todas as regiões do Brasil possuem um clima quente.	
A comida preferida dos brasileiros é a feijoada.	
Todas as cidades são parecidas com o Rio de Janeiro	

Fonte: Elaboração própria com base em dados coletados na pesquisa.

Quadro 3 Preconceitos

PRECONCEITOS	
Violência e criminalidade	O Brasil é associado a altos índices de violência e criminalidade, de maneira geral através de filmes que mostram uma realidade diferente.
Pobreza extrema	Imagens de favelas e problemas socioeconômicos que são transmitidas por alguns meios de comunicação podem reforçar estereótipos de que o país é desfavorecido e subdesenvolvido.
Carnaval e festas	O Carnaval é uma das festas mais conhecidas do Brasil, e muitas vezes é associado a uma imagem de excessos. Isso pode levar à visão de que o Brasil é um país voltado apenas para o entretenimento.

Fonte: Elaboração própria com base em dados coletados na pesquisa.

Estas ideias, evidentemente, não estão corretas, mas são um claro exemplo de como a falta de conhecimento de uma cultura (a qual é relativamente próxima no que se refere a limites geográficos e origem ibérica), gera uma imagem distorcida da realidade. São noções adquiridas através dos meios de comunicação, como a televisão e a internet, que claramente não retratam a realidade.

Neste sentido, cabe aos militares adquirir conhecimento prévio sobre cultura e identidade de outros países, visando a desconstrução de preconceitos e estereótipos, o que pode contribuir para a criação de relações mais próximas entre as nações amigas. Existem percepções que criam

expectativas sobre a vivência em outro país, que ao longo do tempo de estadia ocasionam uma série de reações emocionais e psicológicas denominadas como choque cultural.

3.2 CHOQUES CULTURAIS RESULTANTES DAS EXPERIÊNCIAS DO AUTOR DA PESQUISA NO BRASIL

As experiências como cadete estrangeiro corroboram a teoria feita por Oberg (1961), pois durante o Curso de Formação de Oficiais Aviadores foram observados diversos sintomas como: tensão por ter que fazer um esforço extra para conseguir se comunicar com seus pares, tendo como maior dificuldade a pronúncia e o entendimento da língua portuguesa, por não ter o domínio do idioma ao chegar ao Brasil, ocasionando principalmente, ansiedade e vergonha por não conseguir falar com fluência.

Outro sintoma observado na vivência do pesquisador autor foi o clima de rejeição no que se refere às diversas tomadas de decisão dentro da turma, sendo excluído por vezes pelo fato de ser estrangeiro. Em algumas situações ficou claro que os companheiros de turma intrinsecamente sentiam que o pesquisador autor não conseguia entender de maneira adequada certas situações que aconteciam durante a rotina, especialmente na etapa da adaptação militar.

Também foi perceptível o sentimento de perda por estar longe da família e pessoas próximas, afetando, assim, de maneira indireta, o desempenho cognitivo e psicológico. Houve também sentimentos de surpresa pelas diferenças percebidas num ambiente militar e social novo, tais como as expressões e termos utilizados durante a etapa de doutrinação; além da sensação de impotência causada pelo baixo desempenho em vários testes acadêmicos devido ao vocabulário limitado possuído. Tais fatos foram evidenciados principalmente durante o processo de adaptação com a língua portuguesa e no início do curso de formação de oficiais aviadores.

No que se refere às etapas da percepção do choque cultural, estas foram vivenciadas na sequência definida por Oberg (1961). No início, durante a lua de mel, tinha-se aquela expectativa e emoção ao conhecer um novo ambiente militar, uma nova língua, mantendo relações interpessoais de maneira gentil com seus pares. Na etapa de crise, foram evidenciadas diversas dificuldades, sendo as principais a incapacidade de comunicar-se de maneira eficaz, interagir de acordo com o contexto no qual estava inserido, sentindo vergonha e de certa forma se excluindo por não possuir a competência linguística.

Durante a etapa de recuperação, foi desenvolvida a capacidade de falar de maneira fluida, estando inserido na rotina com companheiros de turma que brindavam o apoio necessário para conseguir se adaptar à língua portuguesa. Salienta-se, então, a importância de ser partícipe de um grupo que inclua o indivíduo num entorno social que possui uma cultura diferente. E por fim, na última etapa, chamada de adaptação, o indivíduo pôde entender o contexto dentro do novo ambiente, conseguindo se expressar de maneira eficaz e se sentindo parte do grupo, demonstrando confiança e empatia por seus pares.

Com base nas informações apresentadas, os objetivos iniciais deste estudo foram alcançados ao identificar choques culturais, utilizando as experiências pessoais do autor como fonte. Durante a análise, também foi possível observar a existência de estereótipos e preconceitos, muitas vezes influenciados por fontes de comunicação que distorcem a realidade, tornando a adaptação linguística ainda mais difícil.

A chegada ao Brasil foi marcada pelo impacto significativo do desconhecimento tanto da língua quanto da cultura local, afetando o desempenho e a capacidade de adaptação no início do curso. Isso ressalta a necessidade de desenvolver a competência intercultural antes de se integrar em um novo ambiente social.

É crucial ressaltar que, no contexto militar, a educação não se restringe apenas ao aspecto linguístico, mas também abrange o conhecimento e a compreensão das diferentes culturas. Os militares desempenham um papel fundamental nas relações com nações amigas, sendo neste trabalho especificamente a interação entre Brasil e Bolívia. Portanto, é essencial que eles adquiram habilidades interculturais para uma interação eficaz e bem-sucedida nesse contexto.

Essa abordagem ampla e abrangente, que vai além do domínio da língua, permitirá que os militares estabeleçam relações de confiança e respeito mútuo com seus colegas de outros países. Nesse caso em específico, auxiliaria no desempenho e na capacidade de se adaptar em um novo ambiente social, através de uma comunicação eficaz, minimizando choques e impactos culturais que possam lhe afetar durante o processo de aprendizagem da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivado por vivências pessoais do autor, foi apresentado o seguinte questionamento: “Por que se torna relevante o desenvolvimento da competência intercultural na formação dos militares das Forças Armadas, tendo em vista o contexto multipolar na esfera mundial?”.

Para responder tal pergunta, foram apresentados conceitos como: cultura, identidade cultural, estereótipo, preconceito e competência intercultural, que permitiram fazer uma análise com relatos do próprio autor, tendo como objetivo principal a investigação de como o desenvolvimento da competência intercultural poderia colaborar para a eficácia da comunicação e minimização dos choques e mal-entendidos interculturais.

Ao longo do trabalho, foram relatados alguns estereótipos derivados de diversas fontes de informação, tais como acreditar que toda a população brasileira fala o mesmo tipo de português, como também acreditar que todo brasileiro sabe jogar futebol.

Foram descritos alguns sintomas referidos aos choques culturais vivenciados pelo autor, como: tensão por ter que fazer um esforço extra para conseguir se comunicar com seus pares, tendo como maior dificuldade a pronúncia e o entendimento da língua portuguesa, por não ter o domínio do idioma ao chegar ao Brasil. Isso desencadeou, principalmente, ansiedade e vergonha por não conseguir falar com fluência, demonstrando como o desconhecimento de um novo ambiente cultural pode dificultar o processo de adaptação de uma nova língua.

Ao longo deste trabalho foram percebidos alguns tópicos que poderiam ser aprofundados em futuros trabalhos, tais como: ensino aprofundado da cultura brasileira durante o Curso de Adaptação ao Idioma e à Cultura Brasileira (CAICB-A); ensino da língua e cultura por parte dos países que realizam o intercâmbio e proatividade dos instruídos na aprendizagem de uma nova língua.

Portanto, conclui-se que é fundamental iniciar o desenvolvimento da competência intercultural antes de se inserir em um novo grupo social. Essa competência vai além do domínio da língua e possibilita uma comunicação eficaz em um novo ambiente cultural, minimizando preconceitos, estereótipos e choques culturais. Dessa forma, contribui-se para uma melhor adaptação e inserção em uma nova sociedade.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: O que é, como se faz.** 2ª Ed. São Paulo: Loyola, p. 134, 1999.
- BAÑOS, Ruth Vilà. **La competencia comunicativa intercultural.** Un estudio en el primer ciclo de la educación secundaria obligatoria. Ministerio de Educación. V. 1, f. 108, p. 216, 2007.
- BIROLI, Flávia. **Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico.** Revista Brasileira de Ciência Política, p. 71 – 98, 2011.
- CANO, Rubén López; OPAZO, Úrsula San Cristóbal. **Investigación artística en música: problemas, métodos, experiencias y modelos.** Barcelona: Fonca-Esmuc, 2014.
- GOMES, Romeu. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa.** Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Vol. 26, p. 79-108, 2007.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade (11ª. Edição). São Paulo: DP&A, p. 15 – 61, 2006.
- LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leoncio. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 15, p. 165 – 178, 2002.
- LÉGAL, Jean-Baptiste. *Effets non conscients des stéréotypes sur les comportements et les performances. Préjugés & Stéréotypes*, 2005.
- OBERG, Kalervo. “*Cultural shock: Adjustment to new cultural environments*”. *Practical anthropology* 4, 1961, p. 177-182, 1961.
- OLIVERAS VILASECA, Angels. *Hacia la competencia intercultural en el aprendizaje de una lengua extranjera: estudio del choque cultural y los malentendidos.* **Editorial Edinumen**, v. 1, f. 67, 134 p, 1999.
- PETERSON, Brooks. **Cultural intelligence: a guide to working with people from other cultures.** Boston: Intercultural Press, p. 104, 2004.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna.** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, p. 427, 1995.
- VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografias: Conceitos alternativos em construção.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.